

O ESPAÇO GEOGRÁFICO ATRAVÉS DA LITERATURA: um estudo dos contos de Guimarães Rosa

Maria Auxiliadora Gomes da Silva*

Sérgio Luiz Malta de Azevedo**

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar alguns contos de Guimarães Rosa sob o contexto interdisciplinar entre Geografia e Literatura, buscando observar como se encontra representado o espaço-ambiente na perspectiva da relação homem-natureza em alguns fragmentos de contos da obra *Primeiras Estórias*, do autor. No caso em apreço, trata-se de desenvolver processos interpretativos e argumentativos, com abordagem fenomenológica e crítico-social dos contos de Rosa, em *Primeiras estórias*. Os contos são repletos de neologismos que atribuem novos significados à relação homem-natureza. Sendo assim, a obra *Primeiras Estórias* não é diferente. Uma obra cheia de labirintos, no qual as emoções mudam a cada leitura, sem dúvidas trata-se de uma obra de ficção que contribui para o enriquecimento da literatura mundial. O termo “estória” nos contos de Guimarães Rosa envolve-se num encanto que os torna profundamente diferentes de quaisquer outras estórias e de qualquer outros “espaços”.

Palavras-Chave: Geografia. Literatura. Contos. Guimarães Rosa

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate some tales by Guimarães Rosa under the interdisciplinary context among Geography and Literature, seeking to observe how is represented the space-environment, in the perspective of the relationship man-nature in some fragments of tales from the work *Primeiras Estórias*, by the author. In this case, we aim to develop interpretative and argumentative processes, with phenomenological and socio-critical approach of Rosa's tales, in *Primeiras Estórias*. The stories are replete of neologisms that attribute new significances to the relationship man-nature. Thus, the work *Primeiras Estórias* is not different. A work full of labyrinths, in which the emotions change at each reading, without doubt is a work of fiction that contributes to the enrichment of worldwide Literature. The term “story” in the tales of Guimarães Rosa involves itself in a charm that makes it deeply different of any other stories and any other “spaces”.

Keywords: Geography. Literature. Tales. Guimarães Rosa.

* Graduanda do Curso de Geografia, Unidade Acadêmica de Geografia, UFCG, Campina Grande, PB.
doraageo@gmail.com

** Professor, Doutor, Unidade Acadêmica de Geografia, UFCG, Campina Grande, PB, xtojunio@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo estruturar, de forma sucinta, os resultados obtidos de um ano de pesquisa do trabalho intitulado: “O espaço geográfico através da literatura: um estudo dos contos de Guimarães Rosa”. Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivo Investigar os contos de Guimarães Rosa sob o contexto interdisciplinar entre Geografia e Literatura, buscando observar como se encontra representado o espaço-ambiente na perspectiva da relação homem-natureza em algumas histórias encontradas na obra *Primeiras Histórias*, do autor.

A pesquisa é voltada para o entrelace entre Geografia e literatura, tendo como abordagem a Geografia da Percepção, de cunho fenomenológico e a abordagem da crítica, ensejando as contradições das relações desiguais, que emergem da linguagem literária. Na intersecção desse processo concebemos na perspectiva interdisciplinar uma recente vertente da crítica literária, a Ecocrítica, na qual a natureza é concebida como a categoria central de abordagem. A pesquisa pretende estudar a natureza através da literatura, ou seja, uma investigação a partir dos aspectos ambientais, através de uma visão crítica e fenomenológica para perceber como a natureza e o lugar estão representados pela literatura, tomando como ponto de partida o estudo de contos literários, acima citados. Investigar como esses aspectos geográficos se representam no âmbito da literatura.

Em um primeiro momento fizemos um levantamento bibliográfico a fim de aprofundar o conhecimento sobre Literatura e Geografia para compreender os entrelaces teórico-conceituais entre essas áreas de conhecimento. Para isso foi necessário analisar esses campos de conhecimento numa abordagem interdisciplinar. Por que a nosso ver, as estruturas que sustentam as ciências não podem ser estudadas de forma distinta, pois não pode haver barreiras que impeçam a relação entre os vários campos de conhecimento. A interdisciplinaridade abrange todas as áreas em seus diversos campos disciplinares. Sendo assim, ela é incorporada a epistemologia do conhecimento. Desta forma, podemos dizer que a mesma é compreendida como um método que abrange e viabiliza a relação entre a maioria das ciências, em especial as ciências humanas, que em suas devidas perspectivas se permitem aprimorar seus conhecimentos através da interação de conhecimentos.

Pereira e Siqueira, (2005) lembram que a perspectiva da interdisciplinaridade, enquanto aspiração emergente de superação da racionalidade científica positivista, aparece como entendimento de uma nova forma de institucionalizar a produção do conhecimento nos espaços da pesquisa,

na articulação de novos paradigmas curriculares na comunicação do processo de perceber as várias disciplinas. Esse mesmo raciocínio é válido para as determinações do domínio das investigações, na constituição das linguagens partilhadas, na pluralidade dos saberes, nas possibilidades de trocas de experiências e nos modos de realização das pesquisas.

No caso dessa pesquisa é de cunho interdisciplinar, uma vez que busca as interações entre a Geografia e Literatura, utilizando o conto como instrumento de revelação do lugar como espaço de vivência e espaços de tencionamento socioespaciais. Tem como pressuposto o fato de poder revelar as simbologias dos lugares de vivência analisados e as perspectivas das relações contraditórias (Perspectiva crítico social) nas quais se encontram inseridos os personagens das narrativas investigadas.

A interdisciplinaridade propõe estudar ciências que, em princípio, não possuem nenhuma relação entre si. Mas a partir do momento que o indivíduo começa a explorar as áreas estudadas pode-se perceber que todas as áreas do conhecimento estão interligadas por algum embasamento.

2 SOBRE O AUTOR

João Guimarães Rosa nasceu no dia 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, Minas Gerais. Em 1925, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais. Em 1929 escreveu seus primeiros contos e deu início a sua carreira literária. Em 1934 decidiu prestar curso e ingressar na carreira diplomática e serviu na Alemanha, Colômbia e França.

Em 1936, participa de concursos literários que lhe rende prêmio da Academia Brasileira de Letras por “Magma”, uma coletânea de poemas. Após um ano, seu livro “Contos”, o qual mais tarde se chamaria Sagarana, ganhou o prêmio Humberto de Campos. O primeiro de tantos outros que recebeu por esta obra que reúne contos sobre a vida rural em Minas. É através desse livro que Guimarães Rosa começa a mostrar o regionalismo através da linguagem, característica maior do autor.

Retorna ao Brasil no ano de 1951 e começa a investigar a vida sertaneja, os usos, os costumes, as crenças, as músicas e também a fauna e a flora. A partir dessa análise escreve “Corpo de Baile”, obra que foi dividida em três novelas: Manuelzão e Miguilim, No Urubuquaquá, no Pinhém e Noites do Sertão.

Após escrever “Corpo de Baile”, escreve *Grande Sertão veredas*, o qual é aclamado pela crítica por suas inovações nas formas e na escrita. Além de receber prêmios por esta obra, Guimarães passa a ser reconhecido como especial dentro da 3º geração pós-modernista. A característica peculiar de Guimarães Rosa é o uso de neologismos, ou seja, da criação de palavras ou da recriação delas.

Após resistir um pouco, Guimarães assume a cadeira na Academia Brasileira de Letras, toma posse três dias antes de morrer. Em seu discurso de posse, diz: “... a gente morre é para provar que viveu”. O autor faleceu de um mal súbito em 19 de novembro de 1967 aos 59 anos.

3 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SPBRE AS ÁREAS EM QUESTÃO

No Brasil são raros os estudos geográficos estabelecendo aproximação com a produção literária. Desse modo, é válido salientar que a percepção do espaço geográfico tem se voltado, na maioria das vezes, para os temas tradicionais da análise espacial.

Para melhor compreensão do tema estudado e das relações que as duas áreas do conhecimento possuem, se fez necessário o uso da interdisciplinaridade a qual serve como subsidio para esse estudo. Na construção do conhecimento a integração das muitas ciências não garante a sua perfeita execução. De acordo com Kochhann (2007) a interdisciplinaridade surge, assim, como potencialidade de enriquecer e ultrapassar a integração dos elementos do conhecimento. Perpassa todos os elementos do conhecimento, pressupondo a integração profunda e orgânica entre eles. Está marcada por um movimento ininterrupto, criando ou recriando outros pontos para a discussão e intersecção.

Cabe aqui, portanto esboçar aspectos sobre Geografia e Literatura levando em consideração as aproximações e apreciações temáticas, em termos contributos para desfrutar de conhecimentos que transitam entre a condição fictícia e o caráter mundano e universal de seus postulados, tal é a intrincada trama que entrecruza a tênue linha entre ficção e a realidade, próprio da obra poética que analisamos nesse texto. Conquanto, a literatura como forma de expressão social, caso dos contos de Guimarães Rosa, tem trazido contribuições ao entendimento do homem, enquanto sujeito caracterizado por diferenças culturais e sociais.

Trevisan et. al (1981) afirma que a trama das relações humanas em suas contingências, ambigüi-

dades e paixões vão sendo desveladas pela sensibilidade literária que, no texto, não só a oportunidade de dialogar com o mundo das coisas que cerca esses indivíduos, mas também com o outro, o sujeito para qual se projeta o intelecto cognicente e de quem se espera a sensibilização literária.

Dessa forma, pode-se dizer que o texto literário traz a tona o sentimento de alteridade, ao incitar a ação do sujeito encontrando-se consigo mesmo e com o outro nas redes de relações lentificadas pelo produtor literário, qualquer que seja o tipo de produção literária.

De acordo com Nádya Gotlib (2003), as histórias não são necessariamente atuais, podem ser coisas vividas há muito tempo e que alguém trouxe como exemplo para lembrar algo atual. Elas nos trazem memórias de tempos remotos e distantes é a troca de conhecimento entre pessoas que viveram em uma época em que as histórias eram construídas a partir da vivência de cada indivíduo. Nesta perspectiva, Gotlib (2003, p. 06) afirma que “histórias há de conquistas e de perdas. Histórias que seguem para frente. Ou para frente retornando. Variam de assuntos e nos modos de contar”.

As concepções de conto, novela e romance mudaram de acordo com a época e com a região. Essas narrativas não precisam necessariamente serem reais, mas mesmo com ficção, derrubam as barreiras entre o que é realidade ou não. Em “A teoria do conto (2003) de Gotlib autora afirma que “embora o início de contar história seja impossível de se localizar e permaneça como hipótese que nos leva aos tempos remotíssimos, ainda não marcados pela tradição escrita, há fases de evolução dos modos de se contarem histórias. [...] Enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer a nossa própria história de nossa cultura, detectando os momentos da escrita que se representam.

O conto é considerado um gênero textual literário que está centrado em abordar relatos referentes a fatos ou determinados acontecimentos, sejam eles fictícios aqueles resultantes de uma invenção ou reais podendo ser notícias de jornais ou revistas. O conto tem sua origem nos tempos antigos representados pelas narrativas orais quando as pessoas se reuniam para contar fatos ocorridos, e também as chamadas lendas, as fábulas, chegando assim nos livros como hoje conhecemos. Gotlib (2003) retrata que se o conto transmitido oralmente ganhará o registro escrito, agora vai afirmando a sua categoria estética, o conto agora se torna arte, caracterizado como texto literário. No conto não a uma experiência de desenvolvimento tempo cronológico, mas sim pontos que remetem seu sucesso ou seu fracasso.

De acordo com Gotlib (2003) o desfecho de um conto é único, não existe pausa, seu contexto não muda. Diferente da novela o conto tem início meio e fim sem serem modificados, ou seja, seu desfecho é único, contínuo.

O conto visa satisfazer o leitor solitário, individual e crítico, porque nele não há heróis com os quais possa se identificar. De acordo com O'Connor (1963), no conto não há a totalidade de uma experiência com desenvolvimento cronológico, mas sim uma seleção de pontos que podem definir seu sucesso ou seu fracasso.

Em meio a esta trajetória, revestiu-se de inúmeras classificações, resultando nas chamadas antologias, as quais reúnem os contos por nacionalidade: brasileiro, russo, francês e por categorias relacionadas ao gênero, denominando-se em contos maravilhosos, policiais, de amor, ficção científica, fantásticos, de terror, mistério, dentre outras classificações, tais como tradicional, moderno e contemporâneo.

4 CONCEITOS E CATEGORIAS ESTUDADAS

Para dar continuidade a pesquisa e entender mais um pouco sobre Espaço e lugar, se fez necessário o estudo dessas categorias. O espaço pode ter vários conceitos, dependendo da concepção que o indivíduo e a situação a ser tratada. O mesmo pode ser utilizado como referência de localização, seja de um simples cômodo de uma casa a uma escala continental. A partir dessa análise é relevante abordar nesse estudo o conceito de espaço na concepção dos estudiosos da Geografia Crítica e na Literatura.

Bachelard em “A poética do espaço” e mais exatamente em sua narrativa intitulada “*A casa. Do porão ao sótão. O sentido da Cabana.*” traz uma diferente concepção de espaço, espaço este na visão fenomenológica e ao mesmo tempo em condições topofílicas. Onde a casa a qual se refere o autor é considerada mais que um mero “objeto” Bachelard busca aqui resgatar a essência a partir do sentimento e imaginação. A casa é a iteração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem.

A casa, na via do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. (BACHELARD, 1978, p. 201)

De acordo com Lefébvre (1976, p. 25) “o espaço desempenha um papel ou uma função decisiva na estruturação de uma totalidade, de uma lógica de um sistema”. O espaço não se limita apenas ao concreto, ele é o centro das relações sejam elas objetivas ou subjetivas. “O espaço é o locus da reprodução das relações sociais de produção.” Lefébre (1976, p. 30). Se o espaço é visto como um elemento social, não pode ser entendido como espaço absoluto, não pode ser considerado como algo concreto referente a números e proporções. O espaço é dinâmico.

Para Raffestin (1992, p. 144) o espaço é a “prisão original” e o território, “a prisão que os homens constroem para si”. Nesse contexto, levando em consideração as concepções de espaço em diferentes visões pode-se relatar que, o espaço é estabelecido antes do território tornando-se preexistente, algo que independente da ação continuará existindo. Diferente do território que se torna um produto do espaço a partir das relações de poder entre os indivíduos.

Com o surgimento da Geografia Humanista pode-se fazer uma análise sobre os aspectos do espaço voltado para fenomenologia e o existencialismo. A Geografia humanista tem como aspecto principal estudar assuntos voltados para a subjetividade, a qual está relacionada à intuição, aos sentimentos. Na Geografia humanista o espaço adquire o significado de espaço vivido, considerando os sentimentos espaciais e as ideias de um grupo sobre o espaço a partir da experiência.

Para que houvesse a diferença entre os conceitos das categorias, se fez necessário aqui trazer o conceito de território, o qual, segundo Souza (1995, p. 58), “[...] é fundamentalmente um espaço definido por e a partir de relações de poder”. Falar de território não é apenas falar de sua dimensão territorial ou sua extensão, mas sim estabelecer e analisar quem tem domínio e influência e como o faz nesse espaço. A palavra território nos faz retomar o território Nacional e logo nos faz pensar no Estado, o qual tem poder sobre o território nacional. Diferente do espaço, o território se torna algo concreto com delimitações e regras, onde um grupo atua com soberania.

Territórios existem e são construídos seja em grande escala, ou uma construção simples (uma casa, uma rua) o que vai determiná-los como território é a influência que um indivíduo ou grupo vai ter sobre os mesmos. O homem nasce com o território e vice-versa, o território nasce com a civilização. A partir do momento em que o homem toma para si a noção de espaço voltado para uma abordagem subjetiva este constrói e passa a ser construído pelo território.

É necessário que haja a distinção entre o território e espaço, espaço este na visão geográfica. O território é uma construção histórica, social, a partir das relações de poder (concreto e simbólico) que envolvem, simultaneamente, sociedade e espaço geográfico. O território possui tanto uma dimensão mais subjetiva, que se propõe denominar, aqui de consciência, apropriação ou mesmo, em alguns casos, identidade territorial, e uma dimensão mais objetiva, que se pode denominar de dominação do espaço, num sentido mais concreto, realizado por instrumentos de ação político-econômica.

Em *Espaço e Lugar* (1983) de Yi-Fu Tuan, o autor busca trazer a diferença entre espaço e lugar significado, ou seja, construir um conceito de lugar a partir das experiências e sentimentos trocados em determinados lugares, mostrando a interação da geografia com a cultura, com a história desses lugares, as relações criadas nesses espaços de vivências e a paisagem. O autor busca retratar em sua obra um lugar de cunho fenomenológico.

Em Topofilia do autor, é retratado o elo entre a pessoa e o lugar físico. Difuso como conceito e concreto como experiência pessoal. A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Ela não é a emoção mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo.

Pode-se, assim, perceber que a Topofilia representa os sentimentos aprazíveis, verdadeiras respostas estéticas a estimulação dada pelos filtros psicológicos ao poder estimulador das paisagens geográficas, despertando seletivamente sensações por vezes efêmeras, por vezes intensas e duradouras.

Enquanto a Topofilia representa sentimentos aprazíveis, a Topofobia revela-se pela aversão ao lugar, sendo originários dos sentimentos negativados pelos tensionamentos dos espaços vividos pelo homem.

Nessa perspectiva, compreende ainda o lugar como microcosmo, onde o mesmo representa a totalidade, o universo de suas emoções e vivências, o lugar é uma pausa no movimento. Portanto, a pausa permite que o lugar se torne uma totalidade tendo seu valor reconhecido. O lugar é onde o indivíduo se sente em paz. Nesta perspectiva podemos observar a posição de Bachelard

(1978) ao analisar o lugar, dando ênfase a casa, onde tem a mesma como seu universo, onde tudo se remete a ela. “Casa, deusa da pradaria, ó luz do entardecer, de súbito alcanças uma face quase humana. Estás perto de nós, abraçando, abraçados.” Em outra visão pode-se considerar o espaço como um ambiente individualizado na vivência de cada indivíduo. Nesta perspectiva Lencioni (2003, p. 152) afirma que:

O espaço é vivido e percebido de maneira diferente pelos indivíduos, uma das questões decisivas da análise geográfica que se coloca, diz respeito às representações que os indivíduos fazem do espaço. Essa Geografia procurou demonstrar que para o estudo geográfico é importante conhecer a mente dos homens para saber o modo como se comportam em relação ao espaço.

Numa visão crítico social a paisagem é acrescida de elementos dialéticos, revelando as contradições das relações sociais que podem apresentar marcas (paisagens sublimadas pela obra literária. Na perspectiva fenomenológica a paisagem passa a ter valor simbólico, sua importância vai além do que apenas um recorte espacial, ela se torna um elo entre o mundo e o indivíduo. Pode-se dizer que “a paisagem não se refere à essência, ao que é visto, mas, representa a inserção do homem no mundo, a manifestação de seu ser para com os outros, base de seu ser social.” (SCHIE, 2003, p. 88)

É de grande importância ressaltar ainda as diferenças encontradas entre relações culturais e sociais. Relações sociais são aquelas em que há uma interação e ligação entre os indivíduos, relações essas que são construídas naturalmente ou a partir de interesses individuais ao longo da vida. Essas constituem condições indispensáveis à associação humana. No que diz respeito às interações culturais é voltada para os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, não apenas no cunho familiar, mas ao viver em uma sociedade, a qual faz com que o indivíduo adquira a partir da vivência, costumes, crenças que constitui o âmbito dessa sociedade. Assim afirma Bonnemaison (1981, p. 225) “o espaço social é o produto, o espaço cultural é estímulo. O primeiro é concebido em termos de organização e de produção, o segundo em termos de significação e de relação simbólica. Um emoldura, o outro é o portador do sentido.”

Para melhor entendimento sobre as categorias citadas no decorrer do trabalho, se faz necessário uma análise desses espaços a partir da visão do indivíduo, o qual é o agente atuante no mesmo, sujeito que sente, vive e transforma as diversas molduras do espaço. Neste caso é de relevante importância abordamos aqui duas de várias categoriais espaciais que são caracterizadas por apre-

sentar de forma clara, sentimentos que afloram a partir do momento em que o indivíduo passa a habitar, a sentir e tornar aquele espaço mais do que um simples espaço, mas sim, seu lugar.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho é apresentado em volta de uma pesquisa direcionada ao estudo de aspectos geográficos e literários de uma forma interdisciplinar. O presente trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica com enfoque nos autores voltados para aspectos da natureza no que diz respeito aos geógrafos.

A pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo. Segundo Manzo (1971, p. 32), a bibliografia pertinente “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas em que os problemas não se cristalizaram suficientemente” e tem por objetivo permitir ao pesquisador “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações.”

A abordagem escolhida para realizar a pesquisa foi de cunho qualitativo que visa reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, da compreensão e interpretação. Dessa forma, as experiências pessoais são de relevante importância para a análise e compreensão dos fenômenos estudados.

Escolher esta abordagem para aplicar na pesquisa é ter em mente a grande escala de abrangência que ela proporcionará, pois se pode ter um estudo mais detalhado sobre o assunto pesquisado, as informações e respostas obtidas possuem mais clareza, por estudar os fenômenos ocorridos na análise da ação do sujeito sobre o objeto dando mais importância em sua compreensão. Em uma pesquisa qualitativa as experiências são diversas, é através dela que se pode compreender e analisar de forma aprofundada aspectos objetivos e subjetivos, podendo assim realizar uma pesquisa mais satisfatória.

No caso em apreço, trata-se de desenvolver processos interpretativos e argumentativos, com abordagem fenomenológica e crítico-social dos contos de Guimarães Rosa: em Primeiras estórias.

Este trabalho consiste na continuidade do relatório parcial e foi elaborada em duas etapas, a saber: a primeira consistiu em um levantamento e revisão bibliográfica incluindo a obra de

Guimarães Rosa: Primeiras Estórias, dando importância a três contos contidos na mesma: As margens da alegria, A terceira margem do rio e Os cimos.

A segunda consistiu em analisar e fazer a interpretação dos respectivos contos, observando como o espaço-ambiente vai sendo desvelado, tanto no que se refere à perspectiva objetiva, considerando os aspectos geográficos, quanto na realização de um estudo na perspectiva subjetiva em que se pode observar a percepção do sujeito sobre o espaço vivido.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os contos de Guimarães Rosa são repletos de neologismos e o livro Primeiras Estórias, composto por vinte e um contos, não é diferente. Trata-se de uma obra cheia de labirintos, no qual as emoções mudam a cada leitura, fazendo com que obra de ficção contribua para o enriquecimento do conhecimento local.

Cada estória tem como núcleo um acontecimento. Mas não no sentido comum apresentados nos dicionários, esses não significam uma ocorrência. O personagem em Primeiras estórias advinham os acontecimento. Neles a intuição e o devaneio substituem o raciocínio, as palavras ecoam mais a fundo, os gestos e os atos mais simples se transubstanciam em símbolos. Os acontecimentos e emoções surgem através de símbolos.

Em primeiras estórias, segundo Rónai,(2001, p. 22) os “personagens” quase todos pertencem a duas categorias, a de loucos e a de crianças. Os primeiros são numerosos. Rodeados da área de sapiência e santidade de que os cerca o povo, exibem infindáveis esfumaturas e gradações da demência.

Assim, a partir das bibliografias analisadas e do conto estudado foi possível observar que existe a predominância de várias categorias da geografia dos espaços percebidos, as quais podem ser citadas topofilia, topofobia, escapismo espacial, pausa, movimento e fronteiras inseridos na obra Yi fu Tuan, como exemplo podemos citar o trecho do conto Primeiras Estórias, intitulado: O Cavalo que bebia cerveja. Nele o Rosa traz uma perspectiva do lugar onde morava, no sentido de aversão daquele espaço em que viveu praticamente sua vida inteira, o lugar se torna topofóbico, ou seja, quando o indivíduo passa a ter um sentimento de repulsa, aversão por algum lugar que passou uma experiência não agradável.

Mandei erguer sepulturas, dizer as missas, por ele, pelo meu Irmão. Por minha mãe. Mandei vender o lugar, mas, primeiro, cortarem abaixo as árvores, e enterrar no campo o trem, que se achava, naquele referido quarto. Lá nunca voltei. Não, que não me esqueço daquele dado dia- o que foi compaixão. (ROSA, 1962, p. 148)

O conto que se segue intitulado de “As margens da alegria” é considerado assim como o último, a moldura do livro, pois apresentam as mesmas personagens no mesmo espaço. O menino que faz sua primeira viagem descobrindo assim novos sentimentos a partir da realidade encontrada naquele novo espaço, um lugar que até então desconhecido torna-se um ambiente que traz novas emoções e em alguns momentos sensações agradáveis.

A grande cidade apenas começava a fazer-se, num semi-ermo, no chapadão: a mágica monotonia, os diluídos ares. O campo de pouso ficava a curta distância da casa-de-madeira, sobre estações, quase penetrando na mata ... A morada era pequena, passava-se logo à cozinha, e ao que não era bem quintal, antes breve clareira, das árvores que não podem entrar dentro de casa. Altas, cipós e orquideazinha amarelas delas se suspendiam. Dali, podiam sair índios, a onça, leão, lobos, caçadores? (ROSA, 1962, p. 50)

Neste conto é notável o reflexo de uma época quando aspectos sociais surgiam cada vez mais fortes (a construção de cidades). Pode-se notar a experiência do menino em relação ao tempo percorrido dentro do espaço privado pela experiência do espaço externo, espaço este antes desconhecido. Ao longo do desfecho do conto o autor cita características da paisagem em que se insere a estória, a qual agora o menino faz parte mostrando seu conhecimento e os detalhes do espaço ambiente o qual transforma-se na cena.

No conto “*A terceira margem do rio*” conta a história de um homem que evade de toda e qualquer convivência com a família e com a sociedade, preferindo a completa solidão do rio, lugar em que, dentro de uma canoa, rema “rio abaixo, rio a fora, rio a dentro.” O espaço é delimitado pela presença concreta do rio, caracterizando a paisagem rural de sempre. Mas, além do concreto, surge aí o mundo do inconsciente, do abstrato. Desse espaço, emana magia vital aos olhos do leitor, no ir e vir do rio e da vida. “[...] o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Lardo, de não se poder ver a forma da outra beira”(ROSA, 1962, p. 80)

O último conto apresenta algumas similitudes em relação ao primeiro. O ambiente é o mesmo, assim como praticamente as personagens. Além disso, o ponto final de *As Margens da Alegria* é o início de *Os Cimos*: a morte. Porém, o menino faz, aqui, sua viagem não mais no feliz, mas na agonia. O menino passa a conhecer as maldades que habitam naquele lugar em que por instantes

imaginava ser um sonho. Neste conto é retomada a história que inicia esta obra, mas, com uma perspectiva diferente, a volta do menino para a grande cidade. A volta é devido a doença de sua mãe.

O alpendre era um passado, entre o terreirinho mais a mata e o extenso outro-lado – aquele escuro campo, sob rasgos, neblinas, feito um gelo, e os perolins do orvalho: a ir até a fim de vista, à linha do céu de este, na extrema do horizonte. O sol ainda não viera. Mas a claridade. Os cimos das árvores se douravam. As altas árvores depois do terceiro, ainda mais verdes, do que o orvalho lavara. Entremanhã – e de tudo um perfume, e passarinhos piando. (ROSA, 1962, p. 228)

Neste trecho do conto é possível observar o drama vivido pelo menino em que muitas vezes não se dá o devido valor as coisas que nos cercam. O menino mesmo com todo sofrimento em saber da morte do peru e a doença que afetará sua mãe, ainda assim consegue parar para refletir contemplando o espaço natural. Observando cada detalhe os quais a natureza se submete. A contemplação do lugar era feita sempre a partir de um ponto alto (fosse no decolar do avião e em seu planar entre as núvens ou no vôo de um pássaro e até mesmo na copa de uma árvore). “E: - “Pst!” – apontou-se. A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta e os tantos meigos vermelhos do pássaro – depois de seu vôo.” (ROSA, 1962, p. 228)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das etapas realizadas e resultados obtidos através da obra (Primeiras Estórias) estudada e mais específico de três contos compostos na mesma (As margens da alegria, A terceira margem do rio e Os cimos) e demais informações obtidas a partir de referências bibliográficas diversificadas tanto da abordagem geográfica quanto dos aspectos literários, é importante ressaltar que estudar e analisar contos literários levando em consideração aproximações entre duas ciências é de extrema importância.

Outra questão a ser observada foi o modo como o Rosa se utiliza de neologismos para mostrar a sua visão sobre o espaço, em sua perspectiva universal, ao mesmo tempo que faz uso da crítica literária, como “objeto” de criação e imaginação a qual se caracteriza pelo que se pode denominar de “espírito literário”.

Portanto, verificou-se que os entrelaces entre geografia e Literatura são fecundos, o que reforça a ideia de transversalidade e sua efetividade na busca da completude do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria do Socorro de. Homem, Animal e Espaço Numa Visão Erçorítica. In: ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de; Malta, Sérgio. (orgs) **Espaço Interdisciplinar: literatura, meio ambiente e relações sociais**. Editora Baraúna, 2008
- BACHELARD, Gaston; **A poética do Espaço**. São Paulo. Martins Fontes, 2005.
- BACHELARD, Gaston. A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço / Gaston Bachelard; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos. . . (et al.). — São Paulo : Abril Cultural, 1978.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. - ed. - São Paulo: Martins fontes, 1997.
- FILHO, Oswaldo Bueno Amorim. **Sociedade e Natureza**. Uberlândia, 1999.
- FILHO, Domício Proença. **A Linguagem Literária**. 5. ed. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática S.A, 1995.
- GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do Conto**. – 10. Ed.- Série Princípios São Paulo: Editora Ática, 2003.
- HAESBAERT, Rogério. O território em tempos de globalização. Etc, espaço, tempo e crítica. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas**. 15 de Agosto de 2007, nº 2 (4), vol. 1, Disponível em <http://www.brasilecola.com/literatura/> Acesso em: 20 de nov. 2014.
- KOCHHANN, Andréa; OMELLI, Cristina; PINTO, Umberto Andrade. **A prática interdisciplinar na formação de professor: uma necessidade paradigmática**. UFG, Goiás, 2007
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. . – São Paulo: Atlas 2001. (Adaptado por MALTA, Sérgio em 2008)
- LUCENA, Karina de Castilhos. Uma fenomenologia da imaginação através do espaço. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**. Artigos da seção livre PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 03 N. 01 – jan/jun 2007
- O’CONNOR, Frank. **The lonely voice; a study of the short story** (1963). London, Macmillan&Co. Ltd, 1963.
- PEREIRA, Maria Arleth; SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves. **A Interdisciplinaridade como superação da fragmentação**. Disponível em <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/in->

terdiscip3.html. Acesso em: 02 jul. 2012

PEREIRA, Luiz Andrei Gonçalves. Geografia Fenomenológica: espaço e percepção. **Caminhos de Geografia**- revista online - 2010

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

SANTOS, Hugo Freitas dos, **O “coletivo” como estratégia territorial dos cativos**. Ano IX- N° - 17-2007

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. – Londrina: Eduel, 2013.

TEXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 8. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.